DESPORTO ESCOLAR: MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA E RAZÕES PARA O ABANDONO

Maria de Fátima Matos & José Fernando A. Cruz
Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Resumo – *O presente estudo, que envolveu 757 alunos dos ensinos básico e secundário do distrito de Braga (praticantes e ex-praticantes de desporto escolar), teve como principal objectivo a análise da motivação para a prática do desporto escolar. Os resultados permitiram identificar não só os principais motivos para a prática do desporto escolar, mas também os motivos ou razões para o seu abandono. Algumas implicações práticas para os programas de desporto esolar são sugeridas.*

PALAVRAS-CHAVE: Desporto escolar; Motivação; Jovens e crianças
KEY WORDS: High school sport; Motivation; Young and children

INTRODUÇÃO

Em Portugal, o programa oficial do desporto escolar para o ano lectivo de 1996/97 (M. E. 1996), enviado para todas as escolas, diz textualmente o seguinte: "A escola deve dar uma resposta correcta às motivações e necessidades das crianças e dos jovens em relação à cultura motora, facilitando e estimulando o seu sucesso às diferentes práticas lúdicas e desportivas, mas nunca perdendo de vista que o desporto escolar é um direito de todos os alunos e não apenas dos mais dotados, sendo um elemento fundamental na educação para a cidadania." (p. 2).

A respeito deste parágrafo, convém referir alguns aspectos. Em primeiro lugar, fala-se da satisfação das motivações das crianças e jovens, mas parecem não existir, no nosso país, suficientes estudos credíveis sobre esta componente, e por isso mesmo não são ainda conhecidas as verdadeiras motivações dos jovens para aderirem aos programas de desporto escolar.

Toda a correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: José Fernando Azevedo Cruz, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710 Braga, Portugal. Telefone: 053-604258; Fax: 053-678987; E-mail: jcruz@iep.uminho.pt

PSICOLOGIA: TEORIA, INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA, 1997, 2, 459-490 © Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Em segundo lugar, estas motivações são "emparelhadas" com a designada "cultura motora". Isto é, o jovem deve encontrar no desporto escolar um meio propício ao desenvolvimento da sua "cultura motora", fazendo crer que esta é a primeira ou principal motivação que orienta os alunos para o desporto escolar. Mas será mesmo assim? Ou existirão outras motivações que levam à mobilização dos jovens para o desporto escolar ?

Terceiro, não surpreende que a última frase do parágrafo citado seja de preocupação e alerta a todos os intervenientes (treinadores e/ou professores) no sentido de que o desporto escolar é um direito de todos e não dos mais dotados. A análise desta afirmação permite duas observações. A primeira é a necessidade de salientar este direito, uma vez que a lei assim o exige. No entanto, o problema é que o "processo" e o "sistema" estão claramente mais orientados para os que "têm jeito", remetendo assim para o professor e/ou treinador a responsabilidade de não aceitarem os menos dotados. Por outro lado, ao existir referência específica aos "mais dotados" assume-se, mesmo que implicitamente, uma divisão entre jovens mais e menos dotados. Esta divisão sendo "vulgar" e sendo um conceito generalizado no meio desportivo, que leva muitas vezes os professores a basearem-se nele para determinarem se um aluno joga ou não, contribui claramente para reduzir o desporto escolar à componente física e às aptidões e capacidades desportivas dos alunos.

Se não quisermos esquecer o papel de iniciação e formação desportiva que o desporto escolar deve conter, esta "prática consensual" deve ser desaconselhada, uma vez que vai permitir e justificar que somente os "mais dotados" continuem a ser estimulados e motivados. Prova disso, é o facto de o mesmo documento oficial referir que as escolas são obrigadas a participar nos quadros competitivos do desporto escolar. Esta obrigatoriedade faz com que equipas recém constituídas tenham que ter os mesmos momentos competitivos e que confrontar-se com equipas que treinam há dois, três ou mais anos.

A literatura e a investigação actualmente existentes, comprovam claramente que o nosso comportamento é o resultado do nosso pensamento e como tal, a participação no desporto escolar deve ser equacionada através da conjugação do corpo e da mente. Ora, os estudos realizados até ao momento, inclusivé em Portugal, apontam para uma série de motivos que levam os jovens a aderirem ao desporto, que não se centram apenas, nem sequer principalmente, em aspectos relacionados com a "cultura motora" (ver Cruz, 1996; Fonseca, 1995; Matos, 1996).

Neste contexto, assume a máxima importância a identificação das razões e motivos que levam os jovens a aderirem aos programas de desporto escolar, assim como das razões ou causas para o seu posterior abandono. Mais especificamente, pretendemos estudar a realidade do desporto escolar no distrito de Braga.

Assim os objectivos principais do estudo efectuado foram os seguintes:

a) Identificar os motivos para a prática do desporto escolar, assim como as razões e motivos para o seu abandono;
b) Explorar as diferenças motivacionais entre praticantes e ex-praticantes de desporto escolar.

MÉTODO

Sujeitos

Este estudo abrangeu 757 alunos de ambos os sexos, dos quais 382 eram praticantes de desporto escolar (192 do sexo feminino e 190 do sexo masculino) e 375 eram ex-praticantes de desporto escolar (174 do sexo feminino e 201 do sexo masculino), todos do distrito de Braga. Todos os sujeitos tinham idades compreendidas entre os 12 e 18 anos e eram todos do escalão juvenil, último escalão que o desporto escolar contempla e que abrange as idades de 14 a 17 anos de idade. Embora formalmente os alunos que têm 18 anos apenas possam treinar, mas não competir, na prática alguns deles também competem.

Os alunos deste estudo provêm de todas as escolas do distrito de Braga que contemplaram o escalão de juvenis em qualquer modalidade, no ano lectivo de 1995/1996, (com a excepção de três escolas, onde, por motivos alheios à nossa vontade, não foi possível executar o estudo). As escolas participantes foram as seguintes: Escola Secundária de Amares, Escola Secundária de Alberto Sampaio, Escola Secundária Carlos Amarante, Escola Secundária de Maximinos, Escola Secundária de Sá de Miranda, Escola Secundária Henrique Medina, Escola Secundária Póvoa de Lanhoso, Escola Secundária Camilo Castelo Branco, Escola Secundária de Joane, Escola Secundária D. Maria II, Escola Secundária D. Sancho I, Escola Secundária de Vila Verde, Escola Secundária de Fafe, Escola Secundária Caldas das Taipas, Escola Secundária Caldas de Vizela, Escola Secundária Francisco de Holanda, Escola Secundária Vieira do Minho, Externato L. D. Henrique, Externato Delfim Ferreira, Cooperativa Didáxis, E. B. 2,3 de Tadim, E. B. 2,3 de Gualtar, E. B. 2,3 de Apúlia, E. B. 2,3 de Pevidém, E. B. 2,3 de S. Torcato, E. B. 2,3 de Urgeses, E. B. 2,3 Póvoa de Lanhoso, E. B. 2,3 Terras de Bouro e E. B. 2,3 de Prado.

O Quadro 1 apresenta detalhadamente as características demográficas da amostra total (N=757), enquanto o Quadro 2 apresenta as mesmas características demográficas, mas separadamente, para o grupo de praticantes (N=382) e de ex-praticantes de desporto escolar (N=375).

Como se pode constatar existe um equilíbrio entre a representação de ambos os sexos na amostra total (rapazes 51.7%, raparigas 48.3%), assim como no grupo dos praticantes (rapazes 49.7%, raparigas 50.3%) e no grupo dos ex-praticantes.

A média de idades da amostra total e em ambos os grupos, ronda os 16 anos, sendo o ano escolar mais representativo o 9º ano, logo seguido do 10º ano. A média dos anos de prática de desporto escolar ronda os dois anos, tanto na amostra total (M=2.2), como no grupo dos ex-praticantes (M=1.9), revelando o grupo dos praticantes uma média ligeiramente superior (M=2.5), comparativamente ao grupo dos ex-praticantes e à amostra total.

Característica / Variável	N	%	M	DP	Min.	Max.
SEXO						
Feminino	366	48.3				
Masculino	391	51.7				
IDADE			15.8	1.5	12	18
ANO DE ESCOLARIDADE						
8º	81	10.7				
9º	266	35.1				
10º	223	29.5				
11º	125	16.5				
12º	62	8.2				
DESPORTO						
Individual	180	23.8				
Colectivo	577	76.2				
ANOS DE PRÁTICA			2.22	1.67	0	9

Quadro 1 – *Características demográficas da amostra total (N=757)*

	PRATICANTES				EX-PRATICANTES			
Característica / Variável	N	%	M	DP	N	%	M	DP
SEXO								
Feminino	192	50.3			174	46.4		
Masculino	190	49.7			201	53.6		
IDADE			15.6	1.6			16.0	1.4
ANO DE ESCOLARIDADE								
8º	58	15.2			23	6.1		
9º	139	36.4			127	33.9		
10º	98	25.7			125	33.3		
11º	56	14.7			69	18.4		
12º	31	8.1			31	8.3		
DESPORTO								
Individual	67	17.5			113	30.1		
Colectivo	315	82.5			262	69.9		
ANOS DE PRÁTICA			2.5	1.8			1.9	1.4

Quadro 2 – *Características demográficas dos grupos de praticantes (N=382) e ex-praticantes (N=375)*

Por sua vez o Quadro 3 representa todas as modalidades que foram referidas pelo grupo dos participantes, assim como as modalidades que foram praticadas pelos ex-praticantes de desporto escolar. Apesar das modalidades individuais aparecerem em maior número, são os desportos colectivos, com 76% de representação (Quadro 1), que reflectem uma maior aderência por parte dos jovens. Relativamente ao grupo dos praticantes, 82% participam em desportos colectivos e somente 17.5% em desportos individuais. No grupo dos ex-praticantes, 69.9% praticaram um desporto colectivo e 30.1% um desporto individual.

A representação das modalidades, tanto no grupo dos praticantes como no grupo dos ex-praticantes, reflecte a primazia das modalidades ditas "tradicionais" no desporto escolar. Em ambos os grupos, o voleibol é o mais representado, seguido do futebol, andebol, basquetebol e ginástica. Os outros desportos aparecem depois com representações muito baixas, como se pode constatar no Quadro 3.

	PRATICANTES		EX-PRATICANTES	
Modalidade	N	%	N	%
Basquetebol	34	8.9	39	10.4
Futebol	90	23.6	73	19.5
Andebol	50	13.1	42	11.2
Voleibol	141	36.9	108	28.8
Ginástica Desp.	16	4.2	34	9.1
Gin. Aeróbica	4	1.0	16	4.3
Ténis	1	0.3	0	0
Natação	2	0.5	2	0.5
Atletismo	4	1.0	26	6.9
Desp. Aventura	2	0.5	1	0.3
Badminton	0	0	9	2.4
Escalada	8	2.1	0	0
Orientação	0	0	4	1.1
Alpinismo	3	0.8	0	0
Patinagem	0	0	1	0.3
B.T.T.	1	0.3	0	0
Trampolim	0	0	3	0.8
Ballet	0	0	2	0.5
Kickboxing	1	.3	1	0.3
Lutas Amadoras	5	1.3	0	0
Montanhismo	9	2.4	0	0
Desps. Radicais	4	1.0	0	0
Ténis de Mesa	7	1.8	0	0
Outras	0	0	14	3.8

Quadro 3 – *Modalidades de desporto escolar (Praticantes e Ex-praticantes)*

Convém salientar que neste último caso a denominação das modalidades pode levar a algumas convergências relativamente a uma ou outra modalidade, nomeadamente das mais recentes (vulgarmente designadas de "radicais"). Isto é, pode dar-se o caso de uma mesma modalidade estar representada mais de uma vez através de designações semelhantes ou parecidas. No presente estudo, respeitou-se literalmente as designações referidas pelos sujeitos. No entanto, se adicionarmos todos os desportos que, no nosso entendimento, "cabem" nos ditos desportos radicais, este constitui, também, um grupo bastante representativo.

Instrumentos

Foram administrados aos participantes neste estudo dois Questionários distintos: um Questionário para praticantes de desporto escolar e um Questionário para ex-praticantes. Para além de dados demográficos e relativos à prática desportiva, já analisados, os Questionários administrados incluiram, no seu conjunto, um total de quatro instrumentos de avaliação psicológica, sendo dois deles comuns aos dois questionários administrados a praticantes e ex-praticantes: a) o "Questionário de Motivação para a Participação Desportiva" (QMPD); b) o "Questionário da Orientação Motivacional no Desporto" (QOMD-TEOSQ). Adicionalmente, o Questionário para os ex-praticantes incluía um "Questionário de Razões para o Abandono da Prática do Desporto Escolar" (QRAPDE), enquanto o Questionário para os praticantes incluía o "Questionário da Orientação Desportiva" (QOD-SOQ). Seguidamente descrevem-se, de um modo geral, todos os instrumentos utilizados.

"Questionário da Motivação para a Participação Desportiva" (QMPD). Trata-se de uma versão portuguesa traduzida e adaptada por Cruz e colaboradores (1986; Cruz & Viana, 1989; Cruz et al., 1988), com base num instrumento originalmente desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983). O QMPD inclui 30 possíveis razões para a prática desportiva (no presente estudo, do desporto escolar) e, para cada razão indicada, os sujeitos optavam por uma de três respostas possíveis: 3) Muito importante; 2) Mais ou menos importante; e 1) Pouco importante para a prática do desporto escolar. Exemplo de itens: "Pratico desporto escolar porque quero melhorar as minhas capacidades" (versão para os praticantes de desporto escolar); "Participei no desporto escolar porque queria melhorar as minhas capacidades" (versão para os ex-praticantes). Na sua versão original, com base na estrutura factorial encontrada por Gill e colaboradores (1983), o QMPD avaliava sete factores da motivação para a prática desportiva: a) Motivação para a realização/Estatuto – vencer, ser importante, ser popular, obter um bom estatuto, fazer algo bem feito, ter recompensas; b) Orientação para a equipa – trabalho em equipa, espírito de grupo, pertencer a uma equipa; c) Forma física – estar em boa forma física, ser fisicamente saudável, fazer exercício; d) Descarga de energias – aliviar a tensão, ter algo para fazer, viajar, sair de casa; e) Desenvolvimento de capacidades – melhorar as capacidades, aprender novas competências, atingir níveis superiores de execução; f) Amizade/afiliação – estar com os amigos, fazer novas amizades; e g) Divertimento/recreação – gostar de diversão, acção, excitação. No entanto, os estudos de Cruz e colaboradores, relativos ao processo de adaptação para Portugal deste instrumento, viriam a encontrar uma estrutura factorial algo diferente, o que poderá ser explicado pelo facto de tais estudos serem realizados com atletas de alta competição e, como tal, incluirem amostras com características substancialmente diferentes da amostra utilizada no desenvolvimento do instrumento original (nomeadamente em termos de idade, desporto e escalão competitivo).

"Questionário de Orientação Motivacional no Desporto" (QOMD-TEOSQ). O QOMD é uma versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa do "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (TEOSQ), desenvolvido por Duda e colaboradores (1989, 1992). Este instrumento pretende avaliar a orientação motivacional para a tarefa e/ou para o "ego" em contextos desportivos, tendo por base o modelo teórico motivacional de Nicholls (1989). Mais concretamente, este instrumento é constituido por 13 itens, que reflectem uma orientação motivacional para a tarefa ou uma orientação para o "ego", relativamente à percepção de sucesso e êxito no desporto. Na sua versão original, os itens do QOMD-TEOSQ encontram-se distribuídos por duas sub-escalas: a) Orientação para a Tarefa (7 itens; Exemplo de item: "Sinto-me com sucesso no desporto quando faço o melhor que posso"); e b) Orientação para o "Ego" (6 itens; Exemplo de item: "... quando sou o melhor de todos"). Os sujeitos respondem a cada item optando por uma alternativa, numa escala tipo Lickert de 5 pontos (1=Discordo Totalmente; 5= Concordo Totalmente).

"Questionário de Razões para o Abandono da Prática do Desporto Escolar" (QRAPDE). O QRAPDE foi adaptado para o desporto escolar com base num instrumento similar desenvolvido por Cruz e colaboradores (1988; 1995), bem como em instrumentos de avaliação semelhantes utilizados por investigadores dos Estados Unidos (Gill et al., 1981; Gould et al., 1982). Este questionário, administrado apenas aos ex-praticantes de desporto escolar, solicitava aos sujeitos que avaliassem, numa escala de 3 pontos (1=pouco importante; 2= mais ou menos importante; 3=muito importante), o grau de importância de cada uma das 36 possíveis razões ou motivos referidos no questionário, para terem abandonado o desporto escolar.

"Questionário de Orientação Desportiva" (QOD-SOQ). Foi desenvolvido por Gill e Deete (1988) e adaptado para a língua portuguesa por Cruz e colaboradores (1993). Este instrumento inclui 25 itens e pretende ser uma medida multidimensional das diferenças individuais, na orientação para a realização desportiva. Nesse sentido, o QOD-SOQ, na sua versão original, pretende avaliar três dimensões ou factores da orientação desportiva: a) Competitividade (13 itens); b) Orientação para a vitória (6 itens); e c) Orientação para objectivos (6 itens). No presente estudo, este instrumento foi administrado apenas aos praticantes de desporto escolar. Os itens são respondidos numa escala de 5 pontos, variando entre A(=Concordo Totalmente=1) e E (= Discordo Totalmente = 5). Na sequência de recodificações computacionais, valores mais

elevados, em cada uma das sub-escalas, traduzem níveis mais elevados de motivação, nos diferentes factores ou dimensões.

Procedimento

Os Questionários foram distribuídos e administrados em todas as escolas que aderiram ao projecto do desporto escolar e que contemplavam o escalão de juvenis de qualquer modalidade, durante o ano lectivo de 1995/1996.

Para a implementação do presente estudo, foi efectuada uma consulta prévia aos dados disponíveis na CAE de Braga, Delegação de Desporto escolar. Então, foram seguidos os procedimentos a seguir indicados. Em primeiro lugar, foi decidido que os Questionários dos ex-praticantes seriam somente aplicados nas escolas que contemplassem, no corrente ano lectivo (1995/1996), um ou mais grupos/equipas do escalão juvenil. Em segundo, numeraram-se as escolas e os grupos/equipas do escalão juvenil. Após esta identificação, multiplicou-se o número de grupos por 20. Este procedimento deve-se ao facto de cada grupo/equipa se inscrever no desporto escolar com o mínimo de 20 elementos e ao facto de sempre que um grupo ficar reduzido a menos de 14 elementos, ser obrigatória a informação de tal ocorrência à delegação do desporto escolar (para decidir a continuação do grupo ou não). Nesse sentido, o número de Questionários para os praticantes de desporto escolar, por escola, foi calculado desta forma, sendo também decidido que esse número seria o mesmo para os Questionários dos ex-praticantes.

Posteriormente obtivemos a autorização de todos os Conselhos Directivos das Escolas abrangidas pelo estudo, que invariavelmente contactavam os orientadores do desporto escolar da escola e/ou o delegado da disciplina de educação física e os informavam do processo a seguir. Enquanto o orientador de desporto escolar se encarregava de distribuir aos professores dos grupos/equipas do escalão juvenil os Questionários dos praticantes, o delegado da disciplina de educação física encarregava-se de distribuir pelos seus colegas o Questionário para os ex-praticantes. Neste caso, cada professor solicitava aos alunos que já tivessem sido praticantes de desporto escolar se estavam interessados, de uma forma voluntária, a participar no estudo e a responderem ao Questionário. Aliás, o carácter voluntário da participação neste estudo foi sempre garantido e em ambos os Questionários o anonimato foi também garantido, através da inexistência de qualquer questão ou solicitação de dados que permitissem a identificação dos sujeitos. Finalmente, todos os Questionários administrados e preenchidos foram entregues novamente aos Conselho Directivos das Escolas, sendo aí recolhidos pela investigadora responsável deste estudo.

RESULTADOS

O tratamento estatístico dos dados e respectivos procedimentos que adiante se especificam, foram realizados no programa "S.P.S.S. – Statistical Package for Social Sciences" (versão 6.0, para "Windows").

Características psicométricas dos instrumentos

Tendo em vista a análise das características psicométricas e a validade factorial dos instrumentos utilizados com a população deste estudo, foram realizadas, para cada um deles, análises factoriais das componentes principais, seguidas de rotação "varimax". Dados mais detalhados relativos às características psicométricas e validade dos instrumentos são apresentados noutros trabalhos (Cruz & Matos, 1996; 1997; Matos, 1996).

"Questionário da Motivação para a Participação Desportiva" (QMPD). Na sequência da análise factorial ao QMPD, foram cinco os factores principais encontrados, explicando no seu conjunto 49.6% da variância total. Um primeiro factor, designado de "Estatuto Social", inclui motivos e itens relacionados com o estatuto social e contribui para explicar 21% da variância ("alpha" de Cronbach= .68). O factor II, por sua vez, inclui itens relacionados com "Acção/Energia" e contribui para explicar 8.8% da variância ("alpha"= .59). O factor III contém motivos e itens predominantemente relacionados com a "Afiliação e amizade", explicando 7.9% da variância ("alpha"= .60). O factor IV integra itens relacionados directamente com a "Competição", contribuindo para explicar 6.1% ("alpha"= .63). Por último, o factor V inclui motivos essencialmente relacionados com a "Aprendizagem/ Melhoria das capacidades", contribuindo para explicar 5,8% da variância ("alpha"= .60).

Nesse sentido, em face dos resultados obtidos na análise factorial, no presente estudo foram calculados "scores" para cada uma das cinco sub-escalas ou factores avaliados por este instrumento, resultantes da soma dos valores (respostas) atribuídas aos respectivos itens, a dividir pelo número de itens de cada sub-escala. Assim, os "scores" podem variar entre um máximo de 3 (reflectindo elevada motivação) e um mínimo de 1 (reflectindo baixa motivação).

"Questionário de Orientação Motivacional no Desporto" (QOMD-TEOSQ). À semelhança do instrumento anterior, foi analisada a estrutura factorial e características psicométricas deste instrumento. Tal como na escala original (TEOSQ), foram encontrados dois factores que explicam 52.6% da variância total. Enquanto o primeiro factor inclui todos os itens relacionados com a orientação para a tarefa (29.2% da variância e "alpha"= .83), o segundo factor encontrado engloba todos os itens relativos à orientação para o "ego" (23.4% da variância total; "alpha"= .82), evidenciando assim a validade e fidelidade da adaptação portuguesa deste instrumento. Face aos resultados obtidos na análise factorial, no presente estudo foram calcula-

dos "scores" para cada uma das duas sub-escalas ou factores avaliados por este instrumento, resultantes da soma dos valores (respostas) atribuídas aos respectivos itens, a dividir pelo número de itens de cada sub-escala. Assim, os "scores" podem variar entre um máximo de 5 (reflectindo elevados níveis de objectivos centrados no "ego" ou na tarefa) e um mínimo de 1 (reflectindo baixos níveis).

"Questionário de Razões para o Abandono da Prática do Desporto Escolar" (QRAPDE). Foram extraídos sete factores que explicam 57.2% da variância total. O primeiro factor que contribui para explicar 25.8% da variância ("alpha"= .81), inclui itens relacionados com o "Treinador e metodologia de treino". O factor II contém itens relacionados com o facto "Não jogar" (7.5% da variância; "alpha"= .59). Um terceiro factor engloba razões relacionadas com a "Falta de tempo", explicando 6.0% da variância ("alpha"=.70). O factor IV compreende razões e motivos relacionados com a ausência ou "Falta de divertimento", contribuindo para explicar 5.1% da variância ("alpha"= .62). O quinto factor encontrado inclui razões ou motivos essencialmente relacionadas com a "Enfase na vitória", contribuindo para explicar 4.6% ("alpha"= .61). Por sua vez, o factor VI contém itens relacionados com "Outros interesses" (explica 4.2% da variância; "alpha"=.69). Por último, o factor VII engloba apenas duas razões ou motivos para o abandono, relacionados com o "Castigo/Punição", explicando 4.0% da variância ("alpha"= .71). Em face destes resultados, foram calculados "scores" para cada uma das dimensões/factores encontrados. Os "scores" de cada factor/dimensão/sub-escala deste instrumento foram encontrados, tendo por base o somatório dos valores atribuídos a cada item correspondente, a dividir pelo número total de itens de cada sub-escala. Por isso, os resultados ("scores") de cada sub-escala deste instrumento podem variar entre um mínimo de 1 (= Discordo totalmente) e um máximo de 5 (= Concordo totalmente). Valores mais elevados reflectem níveis mais elevados de importância nas razões ou motivos para o abandono da prática do desporto escolar.

"Questionário de Orientação Desportiva" (QOD-SOQ). Relativamente ao QOD, emergiram três factores principais, que explicam no seu conjunto 45.6% da variância total e que, de um modo geral, são coerentes com a estrutura factorial original sugerida por Gill e Deete (1988). Assim, um primeiro factor inclui itens de "Orientação para a Vitória" e contribui para explicar 28.1% da variância ("alpha"= .81). O factor II, por sua vez, contém itens que reflectem a orientação para a "Competitividade" e explica 10.0% da variância ("alpha"= .79). Por último, o factor III engloba os itens que traduzem a "Orientação para Objectivos", explicando 7.1% da variância ("alpha"= .69).

No presente estudo, dados os resultados obtidos na análise factorial, foram calculados "scores" para cada uma das três sub-escalas ou factores avaliados por este instrumento, resultantes da soma dos valores (respostas) atribuídas aos respectivos itens, a dividir pelo número de itens de cada sub-escala. Assim, os "scores" podem variar entre um máximo de 5 (reflectindo elevados níveis de orientação para a vitória, competitividade e objectivos) e um mínimo de 1 (reflectindo baixa orientação motivacional para tais dimensões ou factores).

Práticas desportivas actuais de praticantes e ex-praticantes de desporto escolar

Os Quadros 4 e 5 reflectem as características da prática desportiva dos praticantes e dos ex-praticantes de desporto escolar. Como se verifica no Quadro 4, a maior parte dos praticantes de desporto escolar praticam a sua modalidade preferida (83.8%), embora exista também um grupo considerável de jovens que não pratique a sua modalidade preferida (cerca de 16%). Entre os praticantes de desporto escolar, um dado curioso refere-se ao facto de aproximadamente metade deles nunca ter praticado outra modalidade, enquanto outra metade refere já ter "experimentado" outras modalidades no desporto escolar. Por outras palavras, para cerca de 50% dos praticantes, a actual modalidade não é a sua primeira experiência desportiva, em termos de desporto escolar.

O Quadro 5, por sua vez, representa as características da prática do grupo de ex-praticantes e evidencia também que embora uma grande parte destes jovens tenha praticado a sua modalidade preferida (74.1%), um grupo significativo de jovens (25.1%) não praticou a sua modalidade preferida quando participou no desporto escolar. Talvez por isso, não seja surpreendente que 30% dos ex-praticantes refira estar a praticar actualmente uma modalidade desportiva fora da escola. Por outro lado, 86.8% dos ex-praticantes assinalam que gostariam de praticar uma modalidade de desporto escolar no próximo ano lectivo (apenas 13.2% referem que não pretendem praticar qualquer modalidade no desporto escolar).

Situação		N	%
Prática da modalidade preferida	Sim	319	83.8
	Não	62	16.2
Experiência de desporto escolar anterior	Sim	176	46.6
	Não	202	53.4

Quadro 4 – *Características da prática de desporto escolar, no grupo dos praticantes (N=382)*

Situação		N	%
Prática da modalidade preferida	Sim	274	74.9
	Não	92	25.1
Prática actual de outra modalidade	Sim	111	30.1
	Não	258	69.9
Desejo de praticar desporto escolar no próximo ano lectivo	Sim	315	86.8
	Não	48	13.2

Quadro 5 – *Características da prática de desporto escolar, no grupo dos ex-praticantes (N=375)*

Padrões motivacionais para a prática e abandono do desporto escolar (motivos para a prática e para o abandono)

Como se poderá verificar no Quadro 6, onde se representam, por ordem decrescente da importância média, os motivos mais apontados para a prática do desporto escolar, os motivos ou razões percepcionadas como mais importantes incluem o gosto pelo exercício físico, querer ser fisicamente saudável, querer melhorar o nível desportivo, gostar do trabalho e do espírito de equipa, gostar de divertimento, manter a forma e melhorar as capacidades pessoais. Contrariamente, o desejo de ser popular e de se sentir importante, assim como a pressão dos pais ou amigos para jogarem, foram os motivos percepcionados como menos importantes para a prática do desporto escolar.

Relativamente às razões para a o abandono do desporto escolar, o "ranking" dos motivos ou razões mais importantes é apresentado no Quadro 7 e evidencia que as principais razões para o abandono são, por ordem decrescente de importância, a incompatibilidade entre estudar (mais importante) e praticar desporto, a falta de tempo para a prática e para o treino, ter outras coisas alternativas para fazer, o início da prática desportiva federada e a inexistência da modalidade preferida. Por outro lado, as derrotas ou vitórias ou as dificuldades de relação interpessoal com os colegas, foram as razões percepcionadas como menos importantes para o abandono da prática do desporto escolar.

Conforme já referimos aquando da avaliação das características psicométricas dos instrumentos utilizados, as análises efectuadas permitiram identificar os principais factores ou dimensões da motivação para a prática do desporto escolar: a) acção ou forma física; b) afiliação / amizade; c) desenvolvimento / melhoria de capacidades; d) competição; e e) estatuto social. Do mesmo modo, tais análises permitiram também identificar os principais factores ou dimensões associadas ao abandono da prática do desporto escolar: a) castigo / punição / pressão dos pais; b) métodos de treino / treinador; c) não jogar; d) falta de tempo; e) falta de divertimento; f) ênfase na vitória; e g) outros interesses.

No Quadro 8, apresentam-se as estatísticas descritivas relativas às variáveis motivacionais estudadas (amostra total). Como se poderá verificar, os motivos relacionados com o desenvolvimento de capacidades, a afiliação/amizade e a competição são as dimensões motivacionais predominantes para a prática do desporto escolar (praticantes e ex-praticantes), enquanto factores associados à falta de tempo e a outros interesses parecem estar mais subjacentes ao abandono de tal prática. Além disso, os jovens que participaram neste estudo (praticantes e ex-praticantes) parecem ter objectivos orientados mais claramente para a tarefa do que para o "ego" e, embora só no grupo de ex-praticantes, a orientação motivacional para objectivos é mais evidente que a orientação para a competitividade e para a vitória.

MOTIVOS		Média(*)	Desvio-Padrão
15	Gosto de fazer exercício físico	2.82	.42
24	Quero ser fisicamente saudável	2.81	.47
23	Quero continuar a melhorar o meu nível desportivo	2.80	.47
8	Gosto do trabalho em equipa	2.75	.51
18	Gosto do espírito de equipa	2.75	.50
29	Gosto de me divertir	2.75	.50
6	Quero manter-me em forma	2.71	.53
1	Quero melhorar as minhas capacidades	2.69	.54
22	Gosto de fazer parte de uma equipa	2.69	.54
10	Quero aprender novas capacidades	2.68	.54
11	Gosto de fazer novos amigos	2.64	.56
17	Gosto de acção	2.62	.59
4	Quero "dar largas à minha energia"	2.61	.59
7	Gosto da excitação que a modalidade oferece	2.56	.60
26	Gosto do desafio que a competição dá	2.55	.60
20	Gosto de competir	2.53	.65
12	Gosto de fazer alguma coisa em que seja bom	2.47	.64
2	Quero estar com os meus amigos	2.35	.70
27	Gosto dos treinadores	2.34	.73
16	Gosto de ter alguma coisa para fazer	2.21	.71
3	Gosto de vencer	2.12	.80
5	Gosto de viajar	2.07	.79
30	Gosto de usar equipamentos desportivos	2.01	.81
28	Quero que os outros me vejam como um bom atleta	1.98	.77
14	Gosto das recompensas que o desporto me dá	1.91	.82
13	Quero acalmar a minha tensão	1.86	.73
19	Gosto de estar fora de casa	1.82	.76
9	Os pais ou melhores amigos, querem que eu jogue	1.70	.75
21	Gosto de me sentir importante	1.60	.73
25	Quero ser popular	1.50	.70

(*) Escala de 1 a 3 (1 = Pouco importante; 3 = Muito importante)

Quadro 6 – *Motivos para a prática do desporto escolar ("Ranking" por ordem decrescente de importância)*

MOTIVOS / RAZÕES		Média(*)	Desvio-Padrão
20	Estudar é mais importante que praticar desporto	2.01	.68
1	Não tinha tempo	1.93	.83
13	Não tinha tempo para treinar	1.89	.73
5	Tinha outras coisas para fazer	1.84	.74
22	Comecei a praticar desporto federado num clube	1.65	.85
34	Não existia a minha modalidade preferida	1.64	.83
33	Interessei-me por outros passatempos	1.63	.75
10	Interessei-me por outra modalidade	1.58	.78
18	O meu esforço não era recompensado	1.57	.73
15	O meu trabalho e esforço não era reconhecido	1.56	.73
28	Os treinos e os jogos eram uma "bandalheira"	1.56	.74
8	Sentia-me muito pressionado	1.53	.71
29	Era demasiado sério e competitivo	1.51	.72
9	Não me davam oportunidades para jogar	1.51	.73
30	O treinador/ professor não me dava importância	1.49	.72
17	Não gostava dos métodos do treinador	1.48	.71
32	Os treinos eram "chatos", sempre a mesma coisa	1.47	.67
12	Não jogava tempo suficiente	1.46	.70
3	Não me divertia, nem tinha prazer	1.45	.71
4	Só se pensava em ganhar	1.43	.67
16	Lesionei-me	1.43	.74
19	Não gostava do treinador professor	1.42	.70
35	O treinador/professor era muito autoritário	1.41	.64
6	Não tinha jeito nem capacidades técnicas	1.41	.65
25	Não era convocado para os jogos ou provas	1.41	.65
7	Não tinha capacidade física	1.40	.65
21	Tive mau rendimento escolar e fui castigado	1.39	.69
23	Os treinos eram muito exigentes e difíceis	1.37	.62
36	Comecei a namorar	1.37	.67
27	A maioria dos meus colegas era melhor do que eu	1.37	.61
26	Os meus pais proibiram-me	1.36	.67
24	Os meus amigos também desistiram	1.35	.60
2	As vitórias eram a única coisa que interessava	1.34	.62
11	Tinha problemas com alguns colegas de equipa	1.34	.66
31	Os meus colegas não gostavam de mim	1.29	.61
14	A equipa perdia sempre ou quase sempre	1.25	.53

(*) Escala de 1 a 3 (1 = Pouco importante; 3 = Muito importante).

Quadro 7 - *Motivos / razões para o abandono da prática do desporto escolar ("Ranking" por ordem decrescente de importância)*

VARIÁVEL	M	DP	MÍNIMO	MÁXIMO	N
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA					
Acção	2.4	0.3	1.0	3.0	746
Afiliação	2.5	0.5	1.0	3.0	755
Desenvol. Capacidades	2.7	0.3	1.0	3.0	754
Competição	2.5	0.5	1.0	3.0	752
Estatuto Social	1.8	0.5	1.0	3.0	735
MOTIVOS PARA O ABANDONO					
Castigo/Punição	1.3	0.6	1.0	3.0	371
Métodos treinador	1.4	0.4	1.0	3.0	365
Não jogar	1.4	0.4	1.0	3.0	371
Falta de tempo	1.9	0.5	1.0	3.0	370
Falta de divertimento	1.4	0.5	1.0	3.0	371
Ênfase na vitória	1.3	0.5	1.0	3.0	366
Outros interesses	1.6	0.6	1.0	3.0	373
OBJECTIVOS					
"Ego"	2.6	1.0	1.0	5.0	716
Tarefa	4.1	0.9	1.0	5.0	731
ORIENTAÇÃO DESPORTIVA					
Vitória	3.5	0.9	1.0	5.0	376
Competitividade	4.1	0.7	1.0	5.0	368
Objectivos	4.5	0.5	1.0	5.0	378

Quadro 8 - *Estatísticas descritivas relativas às variáveis estudadas (Amostra total)*

Diferenças motivacionais entre praticantes e ex-praticantes de desporto escolar

No que se refere às diferenças motivacionais entre praticantes actuais e ex-praticantes de desporto escolar, os resultados das análises de variância (ANOVA's) efectuadas pode ser visualizado no Quadro 9. Comparativamente aos ex-praticantes, os praticantes de desporto escolar evidenciaram níveis significativamente mais elevados de motivação para a acção, para a afiliação, para a competição, para a aprendizagem e desenvolvimento das capacidades e para o estatuto social. Além disso, os praticantes mostraram ser significativamente mais orientados para a tarefa do que para o "ego", comparativamente aos ex-praticantes.

Para avaliar melhor as diferenças motivacionais entre praticantes e ex-praticantes de desporto escolar, efectuou-se uma análise discriminante ("stepwise") onde as variáveis predictoras foram as diferentes dimensões/factores de motivação para a prática e a orientação motivacional dos sujeitos. Deste modo, procurou-se avaliar quais as variáveis motivacionais que melhor discriminavam os praticantes de desporto escolar, comparativamente aos ex-praticantes. Os resultados obtidos, evidenciados no Quadro 10, sugerem claramente que apenas três variáveis contribuíram de forma significativa para maximizar as diferenças entre praticantes e ex-praticantes: motivação para o desenvolvimento de capacidades, para a afiliação e para o estatuto social. Paralelamente, as análises efectuadas para testarem em que medida a função discriminante para as variáveis motivacionais era adequada, evidenciou que cerca de 64% da amostra total foi correctamente classificada (cerca de 60% dos ex-praticantes e cerca de 70% dos praticantes). Neste sentido, a função discriminante significativa que foi obtida, evidencia que os praticantes de desporto escolar podem ser diferenciados dos ex-praticantes pelo seu maior nível de motivação para o desenvolvimento de capacidades, para a afiliação e amizade e para o estatuto social.

Diferenças na motivação para a prática do desporto escolar, em função do sexo, tipo de desporto e ano de escolaridade

Tendo em vista a análise de diferenças motivacionais em função do sexo, ano de escolaridade e tipo de desporto, no grupo de praticantes de desporto escolar, foram realizadas análises de variância (ANOVA's) separadas. Assim, relativamente às diferenças sexuais, foram encontradas diferenças significativas entre os praticantes do sexo masculino e os do sexo feminino (ver Quadro 11). Mais concretamente, comparativamente às raparigas, os rapazes que praticavam desporto escolar eram significativamente: a) menos motivados para a acção e para o desenvolvimento de capacidades; b) mais motivados para a competição e para o estatuto social; c) partilhavam objectivos mais centrados no "ego" e menos na tarefa; e d) eram mais orientados para a vitória, para a competitividade e para objectivos.

No que diz respeito às diferenças em função do tipo de desporto (individual/colectivo) também se registaram algumas diferenças significativas entre os praticantes de modalidades colectivas e os de modalidades individuais. Comparativamente a estes, os praticantes de modalidades colectivas demonstraram ser significativamente mais motivados para a competição e mais orientados para a vitória (ver Quadro 12).

	EX-PRATICANTES		PRATICANTES		F	p
	M	DP	M	DP		
Motiv. Acção	2.4	0.3	2.5	0.3	8.96	.002(*)
Motiv. Afiliação	2.3	0.4	2.5	0.4	27.17	.000(*)
Motiv. Competição	2.4	0.5	2.6	0.4	13.61	.000(*)
Motiv. Capacidade	2.6	0.4	2.8	0.3	47.40	.000(*)
Motiv. Est. Social	1.7	0.5	1.8	0.5	23.50	.000(*)
Orientação "Ego"	2.6	1.0	2.6	1.1	1.02	.29
Orientação Tarefa	4.0	0.9	4.2	0.9	7.04	.006 (*)

(*) – Diferenças estaticamente significativas

Quadro 9 – *Diferenças nas variáveis motivacionais entre praticantes e ex-praticantes de desporto escolar*

Sumário da selecção de variáveis

VARIÁVEL	"STEP"	SIGNIF.	LAMBDA WILKS	CEFD (*)
M. Des. Capacidades	1	.000	.927	.43
M. Afiliação	2	.000	.907	.70
M. Estatuto Social	3	.000	.897	.33

Resultados da Classificação

		GRUPO PREDITO	
GRUPO ACTUAL	N.º CASOS	EX-PRATICANTES	PRATICANTES
Ex-Praticantes	375	58.4%	41.6%
Praticantes	382	30.9%	69.1%

Sujeitos correctamente classificados: 63.8%

(*) Coeficiente de Estandardizado da Função Discriminante

Quadro 10 – *Discriminação entre praticantes e ex-praticantes de desporto escolar*

VARIÁVEL	FEMININO		MASCULINO		F
	M	DP	M	DP	
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA					
Acção	2.5	0.3	2.4	0.3	8.65**
Afiliação	2.5	0.5	2.4	0.5	0.37
Desenvol. Capacidades	2.7	0.3	2.6	0.4	9.16**
Competição	2.4	0.5	2.6	0.5	24.93***
Estatuto Social	1.7	0.5	1.8	0.5	4.22*
OBJECTIVOS					
"Ego"	2.5	1.0	2.8	1.0	11.87***
Tarefa	4.3	0.9	4.0	0.9	11.19***
ORIENTAÇÃO DESPORTIVA					
Vitória	3.3	0.8	3.7	0.8	21.84***
Competitividade	3.9	0.8	4.2	0.6	18.31***
Objectivos	4.4	0.5	4.5	0.5	6.78**

(*) $p < .05$; (**) $p < .01$; (***) $p < .001$

Quadro 11 – *Diferenças na motivação para a prática do desporto escolar, em função do sexo*

Quanto às diferenças em função do ano de escolaridade (8º, 9º, 10º, 11º e 12º), registaram-se várias diferenças significativas, do ponto de vista estatístico, não só em termos dos motivos para a prática, mas também ao nível dos objectivos e da orientação motivacional dos praticantes, conforme se apresenta no Quadro 13. Testes "post hoc" de Scheffee foram adicionalmente realizados para analisar quais os anos de escolaridade que diferiam significativamente entre si. No caso da motivação para a afiliação registaram-se diferenças significativas entre os praticantes do 8º ano e os praticantes de todos os outros anos de escolaridade (estes com níveis mais baixos nesta dimensão motivacional). No caso da motivação para o desenvolvimento de capacidades, os praticantes do 8º ano apresentavam níveis significativamente mais elevados que os seus colegas do 11º e 12º anos. Por outro lado, os níveis de motivação para o estatuto social eram significativamente mais elevados nos praticantes dos 8º e 9º anos, comparativamente aos restantes anos, acontecendo o mesmo nos níveis de orientação para o "ego" (mas comparativamente apenas aos colegas do 10º e 11º anos). Finalmente, os praticantes do 12º ano apresentaram níveis significativamente superiores de orientação para a vitória, comparativamente aos praticantes do 10º e 11º anos de escolaridade.

VARIÁVEL	FEMININO		MASCULINO		F
	M	DP	M	DP	
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA					
Acção	2.5	0.3	2.4	0.3	0.22
Afiliação	2.4	0.5	2.5	0.5	0.93
Desenvol. Capacidades	2.6	0.4	2.7	0.3	1.05
Competição	2.3	0.5	2.5	0.5	19.37***
Estatuto Social	1.8	0.4	1.7	0.5	0.10
OBJECTIVOS					
"Ego"	2.6	1.0	2.6	1.1	0.04
Tarefa	4.1	1.0	4.1	0.9	0.03
ORIENTAÇÃO DESPORTIVA					
Vitória	3.1	0.8	3.6	0.8	15.38***
Competitividade	3.9	0.8	4.1	0.7	2.99
Objectivos	4.4	0.6	4.5	0.5	1.41

(*) $p < .05$; (**) $p < .01$; (***) $p < .001$

Quadro 12 – *Diferenças na motivação para a prática do desporto escolar, em função do tipo de desporto (Individual/colectivo)*

Diferenças nas razões ou motivos para o abandono do desporto escolar, em função do sexo, tipo de desporto e ano de escolaridade

À semelhança da análise das diferenças motivacionais no grupo de praticantes, também no grupo de ex-praticantes se procedeu à verificação de possíveis diferenças motivacionais (nomeadamente nos motivos para o abandono) em função do sexo, ano de escolaridade e tipo de desporto, recorrendo-se de igual modo a análises de variância (ANOVA's) separadas. No que concerne às diferenças sexuais, a única diferença estatisticamente significativa, por parte dos ex-praticantes, registou-se na maior percepção de ênfase na vitória, como motivo para o abandono do desporto escolar, por parte dos rapazes (ver Quadro 14). Do mesmo modo, relativamente às diferenças em função do tipo de desporto ou modalidade, apenas se registou uma única diferença significativa, com os ex-praticantes de desportos colectivos a atribuirem maior

VARIÁVEL	8º		9º		10º		11º		12º		F
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA											
Acção	2.5	0.3	2.5	0.3	2.4	0.3	2.4	0.4	2.4	0.3	0.93
Afiliação	2.7	0.4	2.4	0.5	2.5	0.5	2.4	0.5	2.3	0.6	6.68***
Desenvolvimento Capacidades	2.8	0.2	2.7	0.3	2.7	0.3	0.6	0.4	2.6	0.4	3.42**
Competição	2.7	0.4	2.5	0.4	2.4	0.5	2.4	0.5	2.4	0.5	3.21**
Estatuto Social	2.1	0.7	1.9	0.5	1.6	0.4	1.6	0.4	1.6	0.4	23.48***
OBJECTIVOS											
"Ego"	2.9	1.0	2.8	1.0	2.4	1.0	2.4	1.0	2.6	1.1	6.93***
Tarefa	4.2	1.0	3.9	1.0	4.2	0.8	4.3	0.9	4.3	0.8	3.64**
ORIENTAÇÃO DESPORTIVA											
Vitória	3.5	0.8	3.6	0.8	3.3	0.9	3.3	0.9	3.9	0.7	4.42**
Competitividade	4.2	0.6	4.1	0.7	4.0	0.7	3.8	0.7	4.1	0.7	2.25
Objectivos	4.6	0.3	4.4	0.6	4.4	0.6	4.5	0.4	4.5	0.5	1.86

(*) $p < .05$; (**) $p < .01$; (***) $p < .001$

Quadro 13 – *Diferenças na motivação para a prática do desporto escolar, em função do ano de escolaridade*

significado ao castigo/punição por parte dos pais, como motivo ou razão principal para o abandono da prática do desporto escolar (ver Quadro 15).

Por último, não foram encontradas quaisquer diferenças significativas, em função do ano de escolaridade, ao nível das razões para o abandono do desporto escolar por parte dos ex-praticantes (ver Quadro 16).

VARIÁVEL	FEMININO		MASCULINO		F
	M	DP	M	DP	
MOTIVAÇÃO PARA O ABANDONO					
Castigo / Punição pais	1.3	0.5	1.4	0.6	2.52
Métodos do treinador	1.4	0.4	1.4	0.4	0.003
Não jogar	1.4	0.4	1.3	0.5	0.78
Falta de tempo	1.9	0.5	1.8	0.5	1.30
Falta de divertimento	1.4	0.4	1.4	0.5	0.48
Ênfase na vitória	1.3	0.3	1.4	0.6	4.23*
Outros interesses	1.6	0.6	1.6	0.6	0.01

(*) $p < .05$

Quadro 14 – *Diferenças nas razões/motivos para o abandono do desporto escolar, em função do sexo*

VARIÁVEL	DESPORTO INDIVIDUAL		DESPORTO COLECTIVO		F
	M	DP	M	DP	
MOTIVAÇÃO PARA O ABANDONO					
Castigo / Punição pais	1.2	0.5	1.4	0.6	4.21*
Métodos do treinador	1.3	0.4	1.4	0.5	1.75
Não jogar	1.4	0.4	1.4	0.5	0.03
Falta de tempo	1.8	0.5	1.9	0.5	0.73
Falta de divertimento	1.3	0.4	1.4	0.5	1.67
Ênfase na vitória	1.3	0.3	1.3	0.5	0.17
Outros interesses	1.6	0.6	1.5	0.6	0.67

(*) $p < .05$; (**) $p < .01$; (***) $p < .001$

Quadro 15 – *Diferenças nas razões/motivos para o abandono do desporto escolar, em função do tipo de desporto (Individual/Colectivo)*

VARIÁVEL	8º		9º		10º		11º		12º		F
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Castigo / Punição pais	1.3	0.5	1.3	0.5	1.3	0.6	1.4	0.6	1.2	0.5	0.89
Métodos do treinador	1.5	0.5	1.4	0.4	1.4	0.5	1.4	0.4	1.3	0.4	0.38
Não jogar	1.4	0.4	1.4	0.4	1.3	0.5	1.4	0.5	1.3	0.3	0.89
Falta de tempo	1.7	0.3	1.8	0.5	1.9	0.5	2.0	0.6	1.9	0.6	2.15
Falta de divertimento	1.4	0.5	1.4	0.4	1.4	0.5	1.4	0.5	1.3	0.4	0.23
Ênfase na vitória	1.4	0.3	1.3	0.4	1.3	0.7	1.3	0.4	1.1	0.2	1.22
Outros interesses	1.5	0.6	1.6	0.6	1.6	0.6	1.5	0.6	1.6	0.5	0.30

Quadro 16 – *Diferenças nas razões/motivos para o abandono do desporto escolar, em função do ano de escolaridade*

DISCUSSÃO

O presente estudo representa, em primeiro lugar, mais uma contribuição para o desenvolvimento e validação de instrumentos de avaliação psicológica, adaptados à realidade nacional. Com efeito, as boas características psicométricas e a validade evidenciada nos instrumentos utilizados, foi patente não só nos instrumentos já previamente adaptados e testados (casos do "Questionário para a Participação Desportiva" – QMPD, do "Questionário de Orientação Motivacional no Desporto" – QOMD/TEOSQ e do "Questionário de Orientação Desportiva" – QOD/SOQ), mas também no novo instrumento, especialmente desenvolvido para o presente estudo (o "Questionário das Razões Para o Abandono da Prática do Desporto Escolar" – QRAPDE).

Em segundo lugar, um dado interessante deste estudo tem a ver com as práticas desportivas actuais de praticantes e ex-praticantes de desporto escolar. Quatro aspectos merecem realce: a) uma percentagem assinalável de crianças e jovens que praticam desporto escolar não pratica a sua modalidade preferida (cerca de 16%); b) para cerca de 50% dos praticantes, a actual modalidade não é a sua primeira experiência desportiva, em termos de desporto escolar (já "experimentaram" outras modalidades); c) um grupo significativo de crianças e jovens ex-praticantes (25.1%) não praticou a sua modalidade preferida quando participou no desporto escolar (30% dos ex-praticantes está a praticar actualmente uma modalidade desportiva fora da escola); e d) a grande maioria dos ex-praticantes (cerca de 90%) assinala que gostaria de praticar uma modalidade de desporto escolar no próximo ano lectivo.

No seu conjunto, estes dados sugerem, entre outros aspectos, que as opções de modalidades oferecidas no contexto do desporto escolar são limitativas, no sentido em que não contemplam as modalidadas realmente preferidas por uma parte significativa das crianças e jovens em idade escolar. Por outro lado, os resultados parecem indicar um outro aspecto importante do desporto escolar: a necessidade de um grupo significativo de crianças e jovens de "experimentarem" ou tentarem praticar, em momentos diferentes, mais de uma modalidade desportiva. Aliás, de uma forma coincidente com tais resultados, o mais recente estudo publicado neste domínio (Buonomano et al., 1995) efectuado com mais de 2.500 crianças e jovens de Itália, entre os 9 e os 18 anos, revelou igualmente que mais de 60% das crianças e jovens mudaram de desporto ou modalidade.

Este estudo permitiu identificar cinco factores ou dimensões gerais da motivação para a prática do desporto escolar: a) acção ou forma física; b) afiliação / amizade; c) desenvolvimento / melhoria de capacidades; d) competição; e e) estatuto social. O presente estudo permitiu ainda identificar os padrões motivacionais predominantes dos praticantes e ex-praticantes de desporto escolar. Os motivos ou razões específicas percepcionadas como mais importantes para a prática do desporto escolar incluem o gosto pelo exercício físico, querer ser fisicamente saudável, querer melhorar o nível desportivo, gostar do trabalho e do espírito de equipa, gostar de divertimento, manter a forma e melhorar as capacidades pessoais. Por outras palavras, à semelhança dos resultados de estudos anteriores efectuados em Portugal, assim como noutros países da Europa e de outros continentes, os motivos ou razões relacionadas com a competição não constituem claramente fontes de motivação para a prática do desporto escolar (ver revisão da literatura). Embora os motivos competitivos apareçam como uma dimensão da prática de desporto escolar, eles não são percepcionados como os mais importantes, nem tão pouco são os mais valorizados pelos estudantes. Pelo contrário, é a aprendizagem e desenvolvimento de capacidades e competências que aparece como dimensão motivacional central e mais importante, tanto para os praticantes, como para os ex-praticantes. Paralelamente, são igualmente valorizados motivos relacionados com a acção (fazer exercício físico, ser fisicamente saudável, manter a forma, gostar de acção), com a afiliação (fazer amigos e gostar de trabalhar em equipa) e com o divertimento.

No mesmo sentido destes resultados, os jovens que participaram neste estudo (praticantes e ex-praticantes) têm objectivos orientados mais claramente para a tarefa, do que para o "ego" e (apenas no grupo de ex-praticantes) a orientação motivacional para objectivos é mais evidente e valorizada que a orientação para a competitividade ou para a vitória. Por outras palavras, em termos de orientação motivacional, as crianças e jovens que praticam ou praticaram desporto escolar, em geral parecem privilegiar mais a aprendizagem e o desenvolvimento de novas competências e capacidades ("aprender a saber fazer ou executar"), do que propriamente o resultado das suas tarefas e práticas desportivas.

Além disso, as análises efectuadas para avaliar quais as variáveis motivacionais que melhor discriminavam os praticantes de desporto escolar, comparativamente aos ex-praticantes, indicaram claramente que apenas três variáveis contribuíram de forma significativa para maximizar as diferenças entre praticantes e ex-praticantes: motivação para a aprendizagem e desenvolvimento de capacidades, motivação para a afiliação e motivação para o estatuto social. Por outras palavras, os praticantes de desporto escolar podem ser diferenciados dos ex-praticantes pelo seu maior nível de motivação para a aprendizagem e desenvolvimento de capacidades, para a afiliação e amizade e para o estatuto social.

Relativamente às razões para o abandono do desporto escolar, o "ranking" dos motivos ou razões mais importantes mostra que as principais razões para o abandono incluem a incompatibilidade entre estudar (mais importante) e praticar desporto, a falta de tempo para a prática e para o treino, ter outras coisas alternativas para fazer, o início da prática desportiva federada e a inexistência da modalidade preferida. O presente estudo permitiu adicionalmente identificar seis factores ou dimensões gerais do abandono da prática do desporto escolar: a) castigo / punição / pressão dos pais; b) métodos de treino / treinador; c) não jogar; d) falta de tempo; e) falta de divertimento; f) ênfase na vitória; e g) outros interesses.

De um modo geral, estas dimensões subjacentes ao abandono da prática do desporto escolar são coincidentes com as dimensões encontradas por Buonomano e colaboradores (1995), no seu estudo com crianças e jovens de Itália, sendo também parecidas com as dimensões encontradas por Cruz e colaboradores (1993) para explicar o abandono da prática do desporto de alta competição.

Não deixa de merecer particular destaque, num primeiro momento, o facto de as dimensões gerais encontradas para justificarem o abandono do desporto escolar, neste estudo, envolverem e implicarem directamente os adultos significativos das crianças e jovens (pais e treinadores): o abandono da prática do desporto escolar como "castigo" ou "punição" dos pais (sobretudo pela falta de aproveitamento escolar); e os métodos de treino e o treinador, incluindo a excessiva ênfase e necessidade de vitória ou de ganhar. Por outro lado, os resultados sugerem também a importância do divertimento na prática do desporto escolar e do facto de uma percentagem significativa de praticantes "não jogar", de facto, na prática do desporto escolar.

Recorde-se, a este propósito, que a maioria dos atletas da amostra deste estudo participava (ou tinha participado) em modalidades colectivas. Não admira por isso que um grupo significativo de jovens e atletas continue a percepcionar a prática desportiva (incluindo o desporto escolar) como algo de ameaçador e pouco desafiante e divertida (Cruz, 1994; 1996; Martens, 1996; Scanlan & Simons, 1992). Os resultados de estudos sistemáticos de Scanlan e colaboradores sobre o divertimento e compromisso efectivo de envolvimento na prática desportiva são, a este respeito, particularmente elucidativos: há que ponderar, simultaneamente, o prazer tirado do desporto, as alternativas ao envolvimento na prática desportiva, os investimentos pessoais, as pressões sociais (colegas, amigos e adultos significativos) e as oportunidades oferecidas para a prática desportiva (ver Cruz, 1996).

Por último, este estudo comprovou a existência de algumas diferenças significativas em função do sexo, tipo de desporto e ano de escolaridade, não só ao nível da motivação para a prática do desporto escolar, mas também ao nível das razões para o seu abandono. Tais resultados são coincidentes com as investigações que têm vindo a ser realizadas neste domínio, não só em Portugal, mas também no estrangeiro (ver Fonseca, 1995; Cruz, 1996).

A investigação realizada e os seus resultados contêm importantes implicações e/ou reflexões não só para a prática e "política" do desporto escolar, mas também para a teoria e investigação no domínio da motivação desportiva. No que se refere às suas implicações para a prática, na sua globalidade e embora com as limitações próprias de um estudo relativo apenas a um distrito do país, os resultados obtidos parecem apontar para a necessidade de reflectir e colocar em causa as actuais políticas, regulamentações e práticas reais do desporto escolar em Portugal.

Um exemplo concreto tem a ver com o "Programa do Desporto Escolar – Ano lectivo de 1996/97" (Ministério da Educação, 1996). Trata-se de um programa que não contempla, de uma forma clara, nos seus objectivos, os reconhecidos benefícios e efeitos psicológicos da prática desportiva (ver Berger, 1996; Cruz, Machado & Mota, 1996; Sobral, 1996), centrando-se quase exclusivamente nos benefícios físicos. Ao referir que "deve ser oferecido um leque de actividades que, na medida do possível, reflicta e dê resposta às motivações intrínsecas e extrínsecas das crianças e jovens" (ME, 1996, p. 2) demonstra ignorar não só a literatura psicológica no domínio da motivação, mas também a investigação nacional e internacional no domínio da motivação para a prática do desporto e actividade física por crianças e jovens. A única e exclusiva fonte de motivação a promover no desporto escolar, como os resultados do estudo o demonstram, assim como a literatura internacional mais recente, deveria ser a motivação intrínseca.

Além disso, o Programa do Desporto Escolar para o ano lectivo de 1996/97, salienta que "deve ser oferecido um leque de actividades (...) que sejam adequadas aos diferentes níveis de prestação motora e de estrutura corporal dos alunos" (M. E. 1996; p. 2). Mais uma vez, ignoram-se outras dimensões importantes e fundamentais no crescimento e desenvolvimento das crianças e jovens, nomeadamente a dimensão psicológica. Como salientou muito recentemente Martens (1996), na prática desportiva diária de crianças, jovens, professores e pais são frequentes os seguintes aspectos ou acontecimentos: a) Os adultos responsáveis pressionam e "obrigam", psicológica e mentalmente, as crianças e jovens a envolverem-se em actividades e práticas físicas que são demasiado avançadas, em termos de desenvolvimento psicológico, esperando que realizem ou executem complexas tarefas físicas, técnicas ou tácticas, sem qualquer tipo de instrução ou treino específico para o efeito; b) Frequentemente, as crianças e jovens são "colocadas" em programas desportivos competitivos, antes de estarem preparadas, do ponto de vista físico e psicológico, para o fazerem; c) O sistema de desporto para crianças e jovens insiste e persiste em comparar os níveis de rendimento e os resultados desportivos, oferecendo prémios e recompensas apenas para os "melhores", transmitindo ou "passando a mensagem" de fracasso, derrota ou "perdedores" para os que não ganham.

Paralelamente, o Programa de Desporto Escolar minimiza a participação activa e fundamental dos alunos na tomada de decisões relativamente às práticas desportivas em cada escola, "institucionalizando" um "papel menor" para os alunos (ainda que faça referência à necessidade de incentivar a sua participação nos processos de organização e gestão dos clubes de desporto escolar, delega única e exclusivamente nos professores a decisão relativamente às modalidades de desporto escolar a implementar). Além disso, prevê reduções na carga horária dos professores responsáveis e não contempla privilégios semelhantes para os alunos, quando se sabe (da investigação nacional e internacional) que a razão principal para o abandono da prática do desporto escolar tem a ver com um conflito de interesses: falta de tempo, outras coisas mais importantes para fazer (estudar) e "castigo ou punição" dos pais por falta de aproveitamento e sucesso escolar.

A propósito deste "conflito de interesses" (entre desporto e estudos), que a investigação internacional tem considerado ser a razão mais frequentemente citada para o abandono da prática desportiva (Gould & Horn, 1984), recentemente Petlichkoff (1993a) salientou a necessidade de sabermos o significado real atribuido ao "conflito de interesses": será que as crianças procuram actividades alternativas – desporto ou não desporto – porque as suas necessidades não estavam a ser realizadas, ou será que elas não estavam a ter um tempo suficiente de jogo ou prática? (p.51). As sete dimensões ou factores encontrados no presente estudo para o abandono do desporto escolar sugerem claramente diferentes significados para tal conflito.

Por último e talvez mais importante, tal Programa valoriza e enfatiza claramente a natureza competitiva do desporto escolar. Prova disso, é o facto de as referências a "quadros competitivos" (regional, nacional e internacional), "competições ou campeonatos" (inter-turmas, inter-equipas e inter-escolas) serem demasiado frequentes e constantes ao longo do documento orientador mais recente do desporto escolar em Portugal. Em suma, enfatiza-se e privilegia-se exactamente o contrário das principais motivações das crianças e jovens para a prática do desporto escolar, próprias do seu natural processo de crescimento e desenvolvimento físico e psicológico: serem fisicamente saudáveis, aprenderem e desenvolverem novas capacidades e competências, fazerem novos amigos e divertirem-se.

Que seja do nosso conhecimento, o presente estudo foi o primeiro, em termos nacionais e internacionais, a estudar a motivação para a prática do desporto escolar, simultaneamente na perspectiva dos praticantes e dos ex-praticantes. No mais recente artigo publicado internacionalmente sobre a motivação de crianças e jovens para a actividade física e prática desportiva, Martens (1996) salienta a importância de todos pretendermos e querermos que as crianças e jovens tenham conhecimento das diversas actividades físicas, tenham as competências ou "skills" básicas para se envolverem numa ampla variedade de actividades físicas e desportos e reconheçam os benefícios, a médio e longo prazo, de serem fisicamente activos. Este autor, refere também os dois princípios fundamentais que, em sua opinião, estão subjacentes e influenciam a participação e a prática desportiva de uma forma activa e comprometida: o valor pessoal (aprendizagem e desenvolvimento de novas capacidades e competências) e o divertimento e prazer.

Por último, Martens (1996) pergunta "Porque é que não fazemos aquilo que sabemos que devemos fazer?", assinalando e identificando algumas razões para tal não ser feito: a) a incompetência e/ou falta de formação dos professores voluntários para trabalharem com crianças e jovens, ainda que, na maior parte dos casos, tenham a melhor das intenções no exercício das suas funções e tarefas; b) A diferença entre os objectivos dos adultos (professores, treinadores, dirigentes e pais) e os objectivos das crianças e jovens, com os adultos a não terem a sensibilidade para perceberem que é vital, para as crianças e jovens, terem experiências positivas e agradáveis, em consequência e como resultado da sua actividade e prática desportiva; e c) A falta de clareza nos objectivos dos programas de actividade física e desporto para crianças e jovens (objectivos vagos e pouco específicos a médio e a longo prazo).

Como refere Martens (1996, p. 30) se pretendemos, como objectivo a longo-prazo, que as crianças e jovens sejam fisicamente activas e pratiquem desporto, por muito que isso "custe" aos adultos, "a ênfase tem que mudar do resultado da participação, para a qualidade da experiência durante a participação. Se tal experiência for positiva, se promover as capacidades e percepção de valor pessoal, ou se for divertida", então as crianças e jovens estarão mais disponíveis e dispostas a envolverem-se na prática e actividade física ao longo das suas vidas, incluindo a prática do desporto escolar. As crianças e jovens necessitam de ter oportunidades de dizerem "alguma coisa" ou de terem "uma palavra a dizer" acerca das actividades e modalidades em que podem ou não participar. Por isso, é decisiva a necessidade de promover, nas crianças e jovens, a auto-responsabilidade, proporcionando-lhes simultaneamente divertimento e prazer nas práticas desportivas: "nem todas as crianças acharão as actividades agradáveis e divertidas, mas todas as crianças encontrarão algumas actividades agradáveis, se lhes dermos a oportunidade de experienciarem uma vasta gama de actividades e de terem algum controle acerca da sua participação".

Por isso, uma outra implicação prática do presente estudo sugere claramente a necessidade de formação específica e adicional dos professores destacados para o trabalho no desporto escolar, nomeadamente ao nível da sua formação psicopedagógica para "trabalharem" com crianças e jovens. Do mesmo modo, os resultados do estudo chamam a atenção para uma outra necessidade: um maior envolvimento e investimento na formação psicológica dos pais das crianças e jovens em idade escolar, que deverá contemplar obrigatoriamente a "desmistificação" de um velho mito enraizado na mente de muitos adultos (e também de algumas crianças e jovens): "Quem pratica desporto não pode ser bom estudante...". O estudo sugere ainda, de uma forma clara, uma outra implicação prática para os psicólogos do desporto. Concretamente, a necessidade de trabalharem conjunta e activamente com os treinadores e professores de educação física, com o objectivo de desenvolverem programas e práticas desportivas que contemplem e satisfaçam as reais e verdadeiras motivações das crianças e jovens.

Finalmente, ao nível das implicações para a teoria e investigação no domínio da motivação no desporto, a investigação realizada comprova a necessidade de abordar a motivação para a prática desportiva, não só na óptica dos praticantes, mas também na perspectiva dos ex-praticantes. A total compreensão da motivação para a prática ou competição desportiva passa

necessariamente por saber que motivos ou razões estão subjacentes a tal prática, mas também que motivos ou razões estão subjacentes ao abandono dessa mesma prática desportiva.

Além disso, estudos futuros deverão procurar centrar a sua atenção nas razões que levam alguns atletas a percepcionarem a prática ou competição desportiva como algo de ameaçador, enquanto outros a encaram como algo de desafiador e mesmo divertido. A este respeito, a investigação futura neste domínio deverá incluir a combinação de "linhas" de investigação até aqui separadas ou distintas na Psicologia do Desporto: percepção de ameaça versus desafio; divertimento; compromisso ou envolvimento na prática; fenómenos ou momentos de "peak performance" ou "flow"; e stress, ansiedade e "burnout" (ver Cruz, 1994; 1996; Hardy et al., 1996). Por exemplo, na mais recente investigação publicada nos Estados Unidos, sobre motivação nas aulas de educação física no ensino básico e secundário, Mitchell (1996) comprovou que as percepções de ameaça ou desafio eram os melhores preditores de motivação intrínseca, tanto nos rapazes como nas raparigas. Estes dados vêm de encontro à investigação nacional e internacional, que evidencia a importância dos processos de avaliação cognitiva, bem como a interdependência de vários processos e variáveis psicológicas: motivação, auto-confiança, ansiedade e concentração (Cruz, 1994, 1996; Lazarus, 1991).

Em síntese, a investigação futura, deverá focalizar a sua atenção na procura de respostas, não para hipóteses já suficientemente testadas e comprovadas, mas sim para perguntas certas e adequadas, com significado e relevância prática. Por uma razão muito simples: em Portugal, tal como em todos os outros países, a investigação psicológica no desporto pode ter um impacto "tremendo" e extremamente significativo, sobretudo nos vários milhões de crianças, jovens e adultos que praticam desporto.

REFERÊNCIAS

Ames, C. (1984a). Conceptions of motivation within competitive and noncompetitive goal structures. In R. Schwarzer (Ed.), *Self related cognitions in anxiety and motivation* (pp. 205-241). Hillsdale, NJ: Erlbaum

Ames, C. (1984b). Competitive, cooperative, and individualistic goal structures: A cognitive-motivational analysis. In R. Ames & C.Ames (Eds.), *Research on motivation in education: Vol. 1 Student motivation* (pp. 177-208). New York: Academic Press.

Ames, C. (1992). Achievement goals. Motivational climate, and motivational processes. In Glyn C. Roberts (Ed.). *Motivation in sport and exercise.* (pp. 161-175). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Ames, C., & Archer, J. (1988). Achievement goals in the classroom: Students' learning strategies and motivation processes. *Journal of Educational Psychology, 80,* 260-267

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review, 84 (2), 191-215.*

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory,.* Englewood Cliffs, NJ: Prentice-hall.

Bandura, A. (1990). Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. *Journal of Applied Sport Psychology,* 2, 128-163.

Berger, B. (1996). Psychological benefits of an active lifestyle: What we know and what we need to know. *Quest,* 48,330-353.

Biddle, S. (1995). *European perspectives on exercise and sport psychology.* United Kingdom: Human Kinetics.

Buonamano, R., Cei, A., & Mussino, A. (1995). Participation motivation in italian youth sport. *The Sport Psychologist, 9,* 265-281.

Burton, D. (1989). Winning isn't everything: Examining the impact of performance goals on collegiate swimmers' cognitions and performance. *The Sport Psychologist,* 2, 105-132.

Burton, D., & Martens, R. (1986). Pinned by their own goals: An exploratory investigation into why kids drop out wrestling. *Journal of Sport Psychology,* 8, 183-197.

Cruz, J. & Viana, M. (1989). Motivation in competitive team sports: A study of portuguese volleyball and handball participants and dropouts. *Paper presented at 7th world Congress in Sport Psychology.* Sinpapore, 7-12 August.

Cruz, J. & Viana, M. (1996). Auto-confiança e rendimento na competição desportiva. In José F. Cruz (Ed.). *Manual de Psicologia do Desporto.* (pp. 265-286). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Ld^a.

Cruz, J. (1996). Motivação para a prática e competição desportiva. In José F. Cruz (Ed.). *Manual de Psicologia do Desporto.* (pp. 265-286). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Ld^a.

Cruz, J. (1996). *Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva.* Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Cruz, J., & Matos, M. (1997). Avaliação psicológica de factores e processos motivacionais no desporto: Características psicométricas de instrumentos para adolescentes. In J. Cruz e A. Gomes (Eds.), *Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física.* Braga: APPORT - Universidade do Minho.

Cruz, J., Costa, F., & Viana, M.F. (1995). Avaliação da motivação para a competição desportiva: Estudo preliminar dos motivos para a prática e das razões para o abandono. In L. Almeida e I. Ribeiro (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos (Vol.III).* Braga: APPORT- Associação dos Psicólogos Portugueses.

Cruz, J., Costa, F., Rodrigues, R., & Ribeiro, F. (1988). Motivação para a competição e prática desportiva. *Revista Portuguesa de Educação,* 1 (2), 113-124.

Duda, J.L. (1987). Toward a developmental theory of children's motivation in sport. *Journal of Sport Psychology,* 9, 130-145.

Duda, J.L. (1988). The relationship between goal perspectives and persistence and intensity among recreational sport participants. *Leisure Sciences,* 10, 95-106.

Duda, J.L. (1989). Goal perspectives and behavior in sport and exercise settings. In C. Ames & M. Maehr (Eds.), *Advances in Motivation and Achievement: Vol. 6.* (pp. 81-115). Greenwich, CT: JAI Press.

Duda, J.L. (1992). Motivation in sport settings: a goal perspective approach. In Glyn C. Roberts. *Motivation in sport and exercise.* (pp. 57-92). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Duda, J.L. (1993). Goals: A social-cognitive approach to the study of achievment motivation in sport. In. Robert N. Singer, Milledge Murphey & L. Keith Tennant (Eds.). *Handbook of research on sport psychology.* (pp. 421-436). New York: MacMillan Publisching Company.

Duda, J.L., & Nicholls, J.G. (1991) *The Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire: Psychometric properties.* Manuscript submitted for publication.

Dweck, C.S. (1986). Motivational processes affecting learning. *American Psychologist, 41,* 1040-1048.

Dweck, C.S., & Elliott, E.S. (1983). Achievement motivation. In M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology, (4th Ed.), Vol.4: Socialization, personality and social development.* (pp. 643-691). New York: Wiley.

Fonseca, A. (1995). Motivos para a prática desportiva: Investigação desenvolvida em Portugal. *Agon,* 1, 49-62.

Fry, D., McClements, J. & Sefton, J. (1981). *A report on participaton in the Saskatoon Hockey Association.* Saskatoon, Canada: Sask Sport.

Gill, D., & Deeter, T. (1988). Development of the Sport Orientation Questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport,* Vol. 59, 3, 191-202.

Gill, D., & Deeter, T. (1988). Development of the Sport Orientation Questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport,* Vol. 59, 3, 191-202.

Gill, D., Gross, J., & Huddleston, S. (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology,* 14, 1-14.

Gould, D., & Petlichkoff, L. (1988). Participation motivation and attrition in young athletes. In F. Smoll, R. Magill, & M. Ash (Eds), *Children in sport* (3rd ed., pp. 161-178). Champaign, IL: Human Kinetics.

Gould, D., (1987). Understanding attrition in children's sport. In Daniel Gould & Maureen R. Weiss (Eds.), *Advances in pediatric sport sciences.* (pp. 61-85). Champaingn, IL: Human Kinetics.

Gould, D., Feltz, D., & Weiss, M. (1985). Motives for participating in competitive youth swimming. *International Journal of Sport Psychology,* 16 126-140.

Gould, D., Feltz, D., Horn, T. & Weiss, M. (1982). Reasons for discontinuing involvement in competitive youth swiming. *Journal of Sport Behavior,* 5, 155-165.

Gould, D., Feltz, D.L., Weiss, M. & Petlichkoff, L. (1982). Participation motives in competitive youth swimmers. In T. Orlick, J.T. Partington & J.H. Salmela (Eds.), *Mental Training for coaches and athletes.* Ottawa: Coaching Association of Canada.

Harter, S. (1985). *Manual for the Self-Perception Profile for Clijdren.* Denver: University of Denver.

Klint, K.A., & Weiss, M.R. (1986). Dropping in and dropping out: Participation motives of current and former youth gymnasts. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 11, 106-114.

Klint, K.A., & Weiss, M.R. (1987). Perceived competence and motives for participating in youth sports. A test of Harter's Competence Motivation Theory. *Journal of Sport Psychology, 9*, 55-65.

Lazarus, R. (1991). *Emotion and adaptation*. NY: Oxford University Press.

Longhurst, K., & Spink, K.S. (1987). Participation motivation of australian children involved in organized sport. *Canadian Journal of Sport Sciences*, 12, 24-30.

Maehr, M.L., & Nicholls, J.G. (1980). Culture and achievement motivation: A second look. In N. Warren (Ed.), *Studies in cross-cultural psychology* (pp. 221-267). New York: Academic Press.

Martens, R. (1982). Coaching to enhance self-worth. In T. Orlick, J. Partington, & J. Salmela (Eds.), *Mental training for coaches and athletes*. Ottawa: Coaching Association of Canada.

Martens, R. (1986). Youth sports in the U.S.A. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for Children and youths* (pp. 27-31). Champaign, IL: Human Kinetics.

Martens, R. (1996). Turning kids on to physical activity for a lifetime. *Quest*, 48, 303-310.

Matos, M. F. (1994). *Motivação no desporto: Motivos para a prática e razões para o abandono do desporto escolar*. Dissertação de Mestrado, na especialidade de Psicologia Desportiva. Braga: Universidade do Minho.

Ministério da Educação (1996). *Programa do Desporto Escolar: Ano lectivo de 1996/97-2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário*. Lisboa: Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, Ministério da Educação.

Nicholls, J.G. (1984b). Conceptions of ability and achievement motivation. In R. Ames & C. Ames (Eds.), *Research on motivation in education. Vol 1. Student motivation*. New York: Academic Press.

Nicholls, J.G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Nicholls, J.G. (1992). The general and the specific in the development and expression of achievement motivation. In G. Roberts (Ed.). *Motivation in sport and exercise*. (pp. 31-56). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Petlichkoff, L.M. (1982). *Motives interscholastic athletes have for participation and reasons for discontinued involvement in school sponsored sport*. Trabalho não publicado, realizado no âmbito do mestrado. Michigan State University.

Petlichkoff, L.M. (1992). Young sport participation and withdrawal: Is it simply a matter of FUN? *Pediatric Exercise Science*, 4, 105 - -110

Petlichkoff, L.M. (1993a). Coaching children: Understanding the motivational process. *Sport Science Review*, 2(2), 48-61.

Petlichkoff, L.M. (1993b). Group differences on perceived ability, achievement goal orientations, and level of satisfaction during the season. *Pediatric Exercise Science, 5*, 12-24.

Phillips, D. (1984). The illusion of incompetence among academically competent children. *Child Development*, 55, 2000-2016.

Roberts, G.C. (1984). Achievement motivation in children's sport. In J. G. Nicholls (Ed.), *The development of achievement motivation* (pp. 251-282). Greenwich, CT: JAI.

Roberts, G.C. (1992). *Motivation in sport and exercise*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Roberts, G.C., Kleiber, D.A., & Duda, J.L. (1981). An analysis of motivation in children's sport: The role of perceived competence in participation. *Journal of Sport Psychology*, 3, 206-216.

Sapp, M., & Haubenstricker, J. (1978, April). *Motivation for joining and reasons for not continuing in youth sport programs in Michigan*. Paper presented at the annual meeting of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation, and Dance. Kansas City: MO.

Scalan, T.K., Stein, G.L., & Ravizza, K. (1989). An in-depth study of former elite figure skaters: 2. Sources of enjoyment. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 65-83.

Scanlan, T.K., & Lewthwaite, R. (1984). Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: I. Predictors of competitive stress. *Journal of sport Psychology, 6*, 208-226.

Scanlan, T.K., & Lewthwaite, R. (1986). Social psychological aspects of the competitive sport experience for male youth sport participants: IV. Predictors of enjoyment. *Journal of Sport Psychology*, **8**, 25-35.

Scanlan, T.K., & Simons, J.P., (1992). The construct of sport enjoyment. In Glyn C. Roberts. *Motivation in sport and exercise*. (pp.199-215). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Scanlan, T.K., Carpenter, P.J., Schmidt, G.W., Simons, J.P., & Keeler, B. (1993). An introduction to the Sport Commitment Model. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 1-15.

Scanlan, T.K., Ravizza, K., & Stein, G.L. (1989). An in-depth study of former elite figure skater: I Introduction to the project. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 11*, 54-64.

Scanlan, T.K., Simons, J.P., Carpenter, P.J., Schmidt, G.W., & Keeler, B. (1993). The Sport Commitment Model: Measuremrnt development for youth-sport domain. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 16-38.

Seifriz, J.J., Duda, J.L., & Chi, L. (1991). *The relationship of perceived motivational climate to intrinsic motivation and beliefs about sucess in basketball*. Manuscript submitted for publication.

Sobral, F. (1996). Consequências psicológicas do desporto escolar: Uma óptica exterior à psicologia. In José F. Cruz (Ed.). *Manual de Psicologia do Desporto*. (pp. 117-128). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Ldª.

Weiss, M.R., & Chaumeton, N., (1992). Motivational Orientations in sport. In Thelma S. Horn (Ed.). *Advances in sport psychology* (pp.61-99). Champaign: Human Kinetics.

Weiss, M.R., & Petlichkoff, L.M. (1989). Children's motivation for participation in and withdrawal from sport: Identifying the missing links. *Pediatric Exercise Science*, 1, 195-211.

SPORT IN HIGH SCHOOL: MOTIVATION FOR PARTICIPATION AND REASONS FOR DROPPING-OUT

ABSTRACT

The present study examined the motivation for participation in high school sport, among 757 students from the district of Braga, Portugal, including both current and former participants. The results identified the main motives for high school sport participation, as well as the motives and reasons for dropping-out. Some practical implications for high school sport programs are suggested.

Psicologia
Teoria, investigação e prática

Volume 2 N° 3 1997

PSICOLOGIA DO DESPORTO E DO EXERCÍCIO

Psicologia Teoria, Investigação e Prática Vol. 2 Nº 3

1997 Volume 2 N° 3

Psicologia
Teoria, investigação e prática

PSICOLOGIA DO DESPORTO E DO EXERCÍCIO

Outubro 1997 ISSN 0873-4976

cegoc

Bruxelas - Londres - Madrid - Milão - Nova Iorque - Paris - Roma

DEPARTAMENTO DE
INVESTIGAÇÃO E PUBLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

■ **EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE:**
- ✔ *Testes psicológicos e programas de intervenção adaptados à população portuguesa*
- ✔ *Testes e material estrangeiro na versão original*

■ **DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAL NECESSÁRIO À PRÁTICA DA PSICOLOGIA PROFISSIONAL:**

- ✔ *Aparelhos de correcção da enurese*
- ✔ *Cronómetros*
- ✔ *Aparelhos de biofeedback*
- ✔ *Diversos equipamentos de laboratório*

■ **ÚLTIMAS NOVIDADES DO NOSSO CATÁLOGO**

(população portuguesa)	PREÇO (até 31 Dez. 1998)
✔ *ABI - Bateria de Aptidões Básicas para a Informática*	*18 000$00 + IVA*
✔ *AFA - Autoconceito*	*10 000$00 + IVA*
✔ *BAPAE - Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar (2.ª Edição)*	*10 000$00 + IVA*
✔ *CAQ - Questionário de Análise Clínica*	*15 000$00 + IVA*
✔ *CEP - Questionário de Personalidade*	*15 000$00 + IVA*
✔ *ERA UMA VEZ... uma prova projectiva para crianças*	*17 500$00 + IVA*
✔ *IIIE - Inventário de Hábitos de Estudo*	*17 000$00 + IVA*
✔ *IPP - Inventário de Interesses Profissionais*	*19 000$00 + IVA*
✔ *PMA - Aptidões Mentais Primárias (2.ª Edição - Revista)*	*30 000$00 + IVA*
✔ *PRÉ-ESCOLAR - Provas de Diagnóstico Pré-Escolar (2.ª Edição)*	*16 000$00 + IVA*

■ **PRÓXIMAS NOVIDADES DO NOSSO CATÁLOGO (população Portuguesa)**
- ✔ *Questionário Factorial de Personalidade: 16PF5* — *18 900$00 + IVA*

PARA GARANTIR UMA UTILIZAÇÃO ADEQUADA E RIGOROSA DOS TESTES, ESTES SÓ PODERÃO SER ADQUIRIDOS POR PSICÓLOGOS

Para mais informações, contacte o Departamento de Investigação e Publicações Psicológicas da CEGOC-TEA
Rua Padre António Vieira, 3 - 1º
1070 LISBOA

Telefone: (01) 387 89 11 / 387 15 12
Fax: (01) 388 95 27

Director
José Fernando A. Cruz

Directores Associados
Leandro S. Almeida
Pedro B. Albuquerque

Conselho Editorial

Artur P. Mesquita
Bárbara Figueiredo
Carlos F. Silva
Conceição Nogueira
Graça Pereira
Iolanda Ribeiro
Isabel C. Soares
João Lopes
Jorge A. Santos
José B. Keating
Maria Céu Taveira
Miguel Gonçalves
Óscar F. Gonçalves
Paulo P. Machado
Rodrigo Carvalho
Rui Abrunhosa
Teresa McIntyre

Psicologia: Teoria, Investigação e Prática é editada quadrimestralmente (em Fevereiro, Junho e Outubro) pelo Centro de Estudos em Educação e Psicologia, da Universidade do Minho.

Edição financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

ISSN: 0873-4976

Assinaturas (3 números):
Individual – 3.750$00 (Portugal), USD $60 (Europa), USD $70 (Países não europeus);
Institucional – 7.500$00 (Portugal), USD $120 (Europa), USD $140 (Países não europeus)
Número avulso: 3.500$00

Paginação e formatação: João Sousa

Capa e "design" gráfico: José Pedro Costa

Impressão: Lusografe

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito legal: 28847/96

Redacção, Administração e Publicidade: Revista "Psicologia: Teoria, Investigação e Prática", Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4700 Braga, Portugal (Telefone: 053-604240/1; Fax: 053-678987).

© 1996, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

ÍNDICE

389 Apresentação

Teoria

393 Modelos teóricos da prática de exercício físico
Maria Paula Mota

431 A teoria da formulação de objectivos e o rendimento no desporto
Francisco S. Costa

Investigação

459 Desporto escolar: motivação para a prática e razões para o abandono
Maria de Fátima Matos & José Fernando A. Cruz

491 Auto-confiança, ansiedade e rendimento na natação de alta competição: estudo com os atletas da elite nacional
Ricardo M. Rodrigues & José Fernando A. Cruz

523 Estudo do stress, da ansiedade e das estratégias de confronto psicológico no andebol de alta competição
Luís Graça Barbosa & José Fernando A. Cruz

549 Estudo dos factores psicológicos associados à recuperação de lesões desportivas no futebol profissional
José M. Neto & José Fernando A. Cruz

575 Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e da actividade física: um estudo na ginástica aeróbica
Maria Teresa Gonçalves & José Fernando A. Cruz

Prática

587 Promoção e melhoria da relação treinador-atletas na formação desportiva: eficácia de intervenções psicológicas no andebol
José Fernando A. Cruz, A. Rui Gomes & Cláudia S. Dias

611 Treino de formulação de objectivos no desporto: uma intervenção no voleibol
Francisco S. Costa & José Fernando A. Cruz

639 O lado mental e psicológico dos atletas de elite: entrevista com uma campeã do mundo e olímpica de atletismo (Fernanda Ribeiro)
Luís André Alves & José Fernando A. Cruz

655 **Reuniões científicas**

659 **Instruções aos autores**

665 **Agradecimento aos revisores de artigos submetidos (1996-1997)**

APRESENTAÇÃO

O presente número da revista "Psicologia: Teoria, investigação e prática" é inteiramente dedicado ao tema da "**Psicologia do Desdorto e do Exercício**". Trata-se de um recente domínio de estudo e aplicação da Psicologia, em franco desenvolvimento e crescimento em Portugal.

No seu conjunto, este número da revista é, em parte, um reflexo e uma consequência de uma iniciativa pioneira e única, em Portugal, por parte da Universidade do Minho: a criação e desenvolvimento de um plano integrado de investigação e formação (ao nível pré e pós-graduado) no domínio da Psicologia do Desporto.

Nesse sentido, em 1994 iniciou-se nesta Universidade o primeiro Curso de Mestrado do país no domínio da Psicologia do Desporto. Desde então, já foram defendidas com sucesso mais de uma dezena de dissertações ou teses de Mestrado. Paralelamente, no presente ano lectivo, concluíram o seu curso de Psicologia, nesta Universidade, os primeiros licenciados com especialização em Psicologia do Desporto. Até ao momento, trata-se da primeira e única instituição universitária de Portugal que forma licenciados em Psicologia, especializados para a investigação e intervenção psicológica em contextos desportivos.

Na sua quase totalidade, o presente número da revista "Psicologia: Teoria, investigação e prática" inclui trabalhos resultantes de algumas das dissertações de Mestrado em Psicologia Desportiva, apresentadas à Universidade do Minho. Adicionalmente, são incluídos dois artigos produzidos no âmbito da área de especialização em Psicologia do Desporto, do curso de Psicologia desta Universidade.

Como se poderá verificar, os artigos aqui publicados abordam os mais diversos temas da Psicologia aplicada ao desporto e ao exercício e actividade física: aderência a programas de exercício, stress e ansiedade, auto-confiança, benefícios psicológicos do exercício, relação treinador-atleta, lesões desportivas e formulação de objectivos, entre outros. Paralelamente, são abordados diferentes níveis e/ou escalões de prática desportiva e competitiva: desporto de lazer, desporto escolar, iniciação e formação desportiva, alta competição e desporto profissional e de elite. Por último, refira-se que os estudos relatados nestes artigos incluiram a participação de atletas ou praticantes de diversas modalidades desportivas: andebol, futebol, voleibol, natação, ginástica aeróbica, atletismo e variadas modalidades de desporto escolar.

Este número temático pretende assim contribuir para a divulgação dos avanços científicos e da prática da Psicologia do Desporto em Portugal, na sequência de publicações anteriores e mais recentes neste domínio: o "Manual de Psicologia do Desporto", editado por J. Cruz (1996) e o livro "Psicologia Aplicada ao Desporto e Actividade Física: Teoria, investigação e intervenção", editado por J. Cruz e R. Gomes (1997).

Em suma, espera-se que este número da revista "Psicologia: Teoria, investigação e prática" contribua, de alguma forma, para o desenvolvimento e para a formação de psicólogos e outros agentes desportivos, no domínio da Psicologia do Desporto e do Exercício.

José Fernando A. Cruz